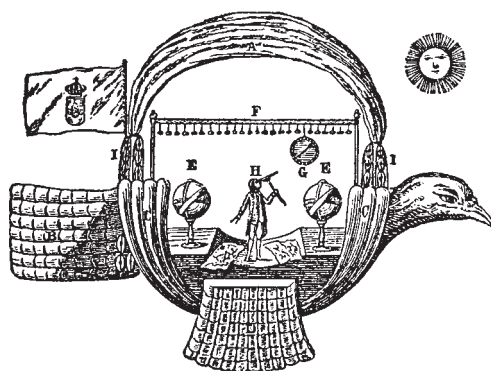




# resenhas



*Um Baú Cheio de Pessoas –  
Escritos sobre Fernando Pessoa*  
de Antonio Tabucchi

Aurora Bernardini\*

\* Aurora Bernardini é Professora Titular do Departamento de Línguas Orientais da Universidade de São Paulo.

Em 1942 – diz Antonio Tabucchi em seu livro *Un Baule Pieno di Gente*, sobre Fernando Pessoa<sup>1</sup>, – sete anos após a morte do poeta, quando a editora Ática de Lisboa resolveu publicar a obra pessoana completa, incluindo os manuscritos póstumos guardados na arca do autor, aos olhos dos amigos literatos e dos filólogos começou a delinear-se uma das personalidades literárias mais *monstruosas* do século. De fato, além de publicar nas mais prestigiosas revistas de seu tempo (*A Águia*, *Exílio*, *Centauro*, *Portugal Futurista*, *Presença*) e de ter criado outras, por si só, (*Orpheu* e *Athena*), Pessoa tinha implantado em Portugal as vanguardas e os movimentos lite-

<sup>1</sup> Editora Feltrinelli, Milano, 1990. Além de uma nota e do ensaio que dá o nome ao livro, a obra contém os seguintes trabalhos:

*Uma vida, tantas vidas*

*Álvaro de Campos, engenheiro metafísico*

*Um menino atravessa a paisagem*

*Bernardo Soares, homem inquieto e insone*

*Um sinal de fumaça. Pessoa, Svevo e o cigarro.*

*Sobre as cartas de amor*

*“O marinheiro”: uma charada esotérica?*

*Traduzindo “O marinheiro”*

*Nota ao “Faust”*

*Entrevista com Andrea Zanzotto*

*e com as seguintes obras no apêndice*

*Carta de Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro sobre a gênese dos heterônimos*

*O poema VIII de “O guardador de rebanhos”*

*Sete cartas a Ophélia Queiroz*

rários europeus (orfismo, futurismo, cubismo e o surrealismo da escritura automática), importando o melhor da cultura europeia daqueles anos, desde a psicanálise até a fenomenologia, sem se contarem as tendências literárias que ele mesmo criara (paulismo, sensacionismo, interseccionismo).

Os motivos desta *monstruosidade*, explica Tabucchi, podem ser encontrados, para começar, na complexidade da obra poética que sobrepunha e quase encobriu sua atividade de teórico, no fato de ela ainda poder ser considerada uma “obra aberta” e no embaraço da crítica diante de uma personagem tão desconcertante que “sustenta a oportunidade de uma ditadura militar<sup>2</sup> e o preceito da desigualdade, e ao mesmo tempo odeia o fascismo e Salazar, de quem zomba em versos; apregoa o Sebastianismo e o Quinto Império, enquanto ridiculariza Kipling ‘imperialista de velharias’; proclama-se futurista e sensacionista, mas desdenha obstáculos e ruídos, ri de Marinetti e canta a perfeição asséptica do binômio de Newton”.

Claro – diz o autor – é preciso ver as posições ideológicas de Pessoa, suas simpatias aristocráticas e seus devaneios imperialistas sobre o pano de fundo da cultura da Primeira República (1920-1926), onde uma burguesia era representada politicamente por uma democracia parlamentar que chegara ao poder através de um regicídio e de um levante sumário, e que, embora de cunho liberal, manifestava uma total indisponibilidade para com as camadas intelectuais perturbadoras. De resto, – continua Tabucchi – a elite cultural portuguesa da época é, de uma maneira geral, aristocrática: assim são os nacionalistas leigos que têm como modelo Ortega y Gasset e Unamuno; assim são os *saudosistas* com o modelo do Sebastianismo e, finalmente, assim é o *Orpheu*, elitista e anti -“lepidóptero” burguês (assim denominado por Sá-Carneiro), que poderia corresponder ao modelo italiano dos sequazes das revistas *Lacerba* ou *Voce*, mas que aglutinava na verdade todos os *-ismos* europeus sem considerar, de quebra, os que seu fundador ainda fabricava de novo (sempre Pessoa!): o sensacionismo, o paulismo, o interseccionismo<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> Tabucchi refere-se aqui ao artigo de 1928 de Fernando Pessoa “*O Interregno, Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal*”.

<sup>3</sup> Quanto à ideologia do assim chamado *Futurismo Português*, bem distante do *Marinettismo*, Tabucchi remete ao estudo de Pierre Rivas, *Idéologies Reactionnaires et séductions fascistes*

Dentro do clima cultural ao qual pertence Pessoa, sua poesia é – diz Tabucchi – “a análise mais complexa, dolente e trágica, mas ao mesmo tempo lúcida e desapiedada do homem do século XX: um homem atormentado que ri dos outros e de si mesmo, e que na sua verdade e na sua maldade, no abuso do paradoxo, na capacidade de afirmar ironicamente o contrário de um axioma já ironicamente usado, realiza uma das poesias mais revolucionárias do século”. Pertence – precisa o autor – à literatura negativa do século XX, cujas estruturas ele vai expor: a anti-razão (a liberação do onírico e do inconsciente) que segue ao excesso de razão, a afirmação da sincronia na diacronia (os heterônimos e a quebra das categorias hegelianas), a afirmação de uma espacialidade e de uma temporalidade interiores que não correspondem às de Aristóteles ou de Descartes, onde o interior do homem não encontra correspondências com seu exterior. Numa análise (psicocrítica?) ainda a ser feita chegar-se-á, quem sabe, à conclusão que esse “negativo”, um pequeno ponto secretamente pessoal e privado (como a aranhinha vermelha que Stavróguin vê no vaso de gerânios da hospedaria em *Os Demônios*, de Dostoiévski?)<sup>4</sup> se transformou em *Weltanshauung*, adquiriu dimensões ontológicas, encontrou condições para desenvolver-se e transformar-se num lema: *abdicar do real para possuir a essência do real*.

Quem sabe Pessoa tenha encontrado com isso de fato o *Real*, de onde olhar para este minúsculo e marcescível *real*? Quem sabe não terá ele antegozado a surpresa dos amigos no dia em que, em 1942, ao abrirem seu baú, além dos heterônimos poéticos, do prosador Bernardo Soares e dos dois filósofos Rafael Baldaya e António Mora, não tenham encontrado eles um Pessoa escritor de diários, cartas (enviadas ou não), um Pessoa esteticólogo, crítico literário, autor de livros de suspense e ainda uma multidão de personagens fascinantes: Jean Seul e Thomas Crosse, Charles Robert Anon e Charles Search, Alexander Search e o Barão de Teive, Pantaleão, A. A. Crosse, C. Pacheco?

*dans le futurisme portugais in A.,VV., Marinetti et le Futurisme, Cahiers des Avant-gardes L'Âge d'Homme, Lausanne, 1978 e, do mesmo autor, Frontières et limites des Futurismes au Portugal et au Brésil, "Europe", 551, mars 1975. Quanto à ideologia de Fernando Pessoa, refere-se Tabucchi ao livro de Alfredo Margarido, La pensée politique de Fernando Pessoa, "Bulletin des Études Portugaises" Nouvelle Série tome XXXII, Paris, 1971.*

<sup>4</sup> As duas perguntas entre parênteses são nossas.

E ainda suas auto-análises, seus auto-diagnósticos, as provocadoras entrevistas de Campos, as disputas entre os heterônimos, os horóscopos de Caeiro e de Campos, o esotérico e o impiedosamente objetivo, o genial e o louco, ao mesmo tempo?

Sob o verbete “loucura” Tabucchi anota as cartas que o menino Fernando, na infância solitária em Durban, enviava a si próprio ou as outras cartas que o heterônimo Alexander Search envia para Pessoa, já adolescente, sempre em África; aquela *histero-neurastenia* que Pessoa se auto-diagnostica em uma carta endereçada a dois famosos psiquiatras franceses: Drs. Hector e Henri Duville; aquelas visões astrais e fantásticas, os poderes radioscópicos de sua visão e sintonização interior no comprimento de onda de um Maestro desconhecido, em seus períodos “esotéricos”. Loucura aparente ou latente em vida, da qual se tem falado para explicar Pessoa ou – conclui Tabucchi – “para neutralizar a inquietação que ele nos comunica, [como] se tem falado de perturbação e de traumas, de carência afetiva, de complexo de Édipo, de homossexualidade recalcada. Quem sabe haja isso tudo ou nada disso: mas não é por aí, nem isso importa. O que importa, e conforme ele disse, é que “a literatura, como toda a arte, é a demonstração de que a vida não basta”.

A solidão metafísica de Pessoa, que o faz “no dia triunfal de sua vida”, certo dia de março de 1914 (primeiro criando Caeiro, e depois Campos e Reis) precursor dos homens que hão de mergulhar nos meandros do Eu (e aqui Tabucchi cita Breton, Svevo, Pirandello, Joyce, Machado e o próprio Freud do *Das Ich und das Es*), é o “nível elevado” da solidão desse português que fixou em seus versos os temas mais angustiantes da literatura que viria depois.

Existe também um “nível baixo” e este Tabucchi vai buscá-lo em certos dados biográficos da monótona existência de um modesto funcionário que cuidava da tradução para o inglês e o francês de cartas comerciais de firmas de importação-exportação, vivendo numa solidão que tem, porém, seus primórdios em certas situações circunstanciais.

Em 1893, o desaparecimento do pai tuberculoso, quando Fernando só tem cinco anos, e do irmão, um ano depois. (É nesse ano que surge a figura fictícia do *Chevalier de Pas*, a quem Fernando escreverá e de quem receberá correspondência). A avó sendo recolhida a um manicômio de Lisboa, a partida da família para Durban, com o segundo marido de sua mãe, o co-

mandante João Miguel Rosa, onde ficará dez anos (1896-1905). A educação puritana e repressiva, o vitorianismo vivido em um longínquo país e a saudade de uma Lisboa de outrora, guardada dentro de si.

Só em 1905 Fernando retorna a Lisboa para ali cursar a Faculdade de Letras e após tentar levar adiante efêmeros (embora significativos, conforme Tabucchi dirá adiante) projetos vanguardistas e editoriais passa a pausar seus dias pelas horas do escritório, a volta ao quarto mobiliado e a redação de suas *personal notes* e um diário.

Finalmente, em março de 1914, rompendo essa rotina, o nascimento do primeiro de seus grandes heterônimos, com os quais Pessoa estabelecerá aquilo que Tabucchi chama de “um circuito fechado”, um sistema auto-suficiente. Fechado, apesar da amizade com alguns intelectuais portugueses, entre os quais, sem dúvida, destaca-se Mário de Sá-Carneiro e de uma relação platonicamente amorosa com Ophélia Soares Queiroz, funcionária de uma das firmas para a qual ele traduzia.

Só que, entre 1910 e 1930, a vida intelectual portuguesa existe porque existe Fernando Pessoa. Primeiro como poeta páulico (os textos-chave do movimento que deve a ele sua existência serão *Impressões do Crepúsculo*, *Hora Absurda*, *Ó sino da minha aldeia*), movimento próximo a um Campana, um Klimt, um Gaudí – diz Tabucchi. Em 1914, após a primeira viagem heterônima com Alberto Caeiro, com *Chuva Oblíqua*, funda o interseccionismo, coagulando aí Delaunay, a música atonal e as novas teorias da física quanto ao espaço e ao tempo. De repente o empregado de escritório exhibe-se numa seqüência de atrações de suspender a respiração: o criador de “Orpheu”, um dos principais futuristas de “Portugal Futurista”, o sensacionista Álvaro de Campos, o escritor automático que escreve a mando de um Maestro desconhecido, o anticonformista barulhento, o compassado e conservador colaborador de “Athena”, o hóspede de honra da revista “Presença”, a mais prestigiosa da década de trinta em Portugal.

Com seus quatro grandes heterônimos Pessoa levanta, no dizer de Tabucchi, os grandes temas do pensamento e da poesia de nosso século.

Pessoa, o ortônimo, é o grande mestre esotérico e místico dos poemas herméticos de *Mensagem*;

É o esteta que dissipa o paulismo para experimentar, com o interseccionismo, as novas sugestões de espaço e tempo, mas é também o



terror do homem diante das coisas, o mal de viver, que ele sintetiza em seus versos. Campos é o homem que se entrega à *plausibilidade do real*. Caeiro é o fenomenólogo; e o neoclássico Reis é o monarquista que tem Horácio à sua mesa de cabeceira e que aceita um mundo incompreensível. E todos são contraditórios. Isso, sem contar os *sub-heterônimos*, com os quais a crítica ainda não ajustou as contas nem sincrônica nem diacronicamente.

Cada heterônimo pode ser considerado um capítulo de um grande poema – conclui Tabucchi – onde tudo ocorre num “tempo liquefeito” e ao mesmo tempo: Pessoa pede a Caeiro a descrição de um real objetivo em cujas aparências acreditar, mas Campos *já* devorou as aparências e rendeu-se à sua plausibilidade; Reis *já* se satisfaz, à maneira de Epicuro, com aquilo que o real lhe oferece e o ortônimo *já* escapou a esse real para procurar alhures uma resposta e uma razão. Tal como o Observador Inercial da Teoria da Relatividade (à qual Álvaro de Campos compara sua *Estética-não-aristotélica*), Pessoa torna-se o Observador Inercial de sua própria vida: consegue viver *sempre e já*; consegue viver diacronicamente a sua sincronia.

